Em busca dos fundamentos

02-Mar-2009

Mauro Santayana

2/03/2009

JORNAL DO BRASIL - RJ

O presidente Barack Obama está disposto a romper alguns dos tabus impostos pelos poderes de fato de seu país. Ele sabe que a única probabilidade de reconstrução da sociedade americana está na busca do que se considera impossível. Ao afirmar que é hora de reconstruir a casa, a partir de seus fundamentos, ele propõe o retorno ao genuíno "projeto americano", aquele dos peregrinos de 1620. Não se tratava do sonho de enriquecimento e de poder mas, sim, de paz e de liberdade. Pouco antes que o Mayflower baixasse a âncora em Cape Cod, os homens adultos se reuniram e aprovaram o pacto, pelo qual, "diante de Deus" e de si mesmos, convinham e combinavam, "our selves togheter into a civil body politic", para a preservação de seus princípios e da solidariedade entre todos. Alguns dos peregrinos do Mayflower não pertenciam à mesma seita chefiada por William Bradford, e eram considerados "estrangeiros", mas aderiram ao mesmo contrato político. Bradford - tal como pensava quando ainda na Inglaterra - queria a Igreja separada do Estado, princípio acolhido um século e meio mais tarde pelos que fizeram a independência.

Obama anunciou o propósito de encerrar a fase da deregulation e restaurar a fiscalização do Estado sobre as atividades econômicas, estabelecer sistema fiscal menos desigual, ao cobrar mais impostos dos ricos, em favor dos pobres, investir em energia limpa e universalizar os serviços de educação e de saúde. Só em saúde, o orçamento prevê 634 bilhões de dólares. Com isso, criará os empregos necessários. Em um dos itens do orçamento, Obama prevê 645 bilhões de dólares com a receita de autorizações para a emissão de carbono. O presidente Obama está disposto a assumir os compromissos do Protocolo de Kyoto. Seu governo pretende levar à Conferência de Copenhague, em dezembro deste ano, a proposta de um "caminho robusto" para a preservação do meio ambiente.

Segundo os analistas, o governo Bush foi o principal responsável pelo inquinamento do mundo nos últimos anos, ao recusar adesão àquele protocolo negociado na antiga capital do Japão. Ninguém pode crer que a salvação da natureza possa conviver com a absoluta liberdade de iniciativa econômica. O sistema financeiro e o fundamentalismo do mercado, depois de levar a economia norte-americana (e, com ela, a do mundo) à crise atual, se articulam para manter-se à custa dos contribuintes. Mas não é mais possível a continuidade do sistema capitalista de livre exploração dos recursos naturais e do trabalho humano, em um planeta exausto por quase 200 anos de desvario. É preciso basear a economia, como queriam os peregrinos do Mayflower, em uma sociedade política solidária e soberana em cada país. O problema não é só o de encabrestar o capitalismo, fundado exatamente na ausência de freios, mas de encontrar uma forma na qual a economia seja o que significa no léxico grego: o nomos, ou seja, a ordem da casa dos homens. A casa é a Terra. Alguns filósofos do neoliberalismo, em encontro na Califórnia, no início dos anos 90, concluíram que, para manter o nível de vida americano no planeta, deveriam excluir quatro quintos da população. Mas não será fácil exterminar 80% da Humanidade.

A cada dia é mais difícil manter o sistema bancário mundial fora do controle do Estado. Os banqueiros resistem, como é natural, e encontram, em muitos economistas e soi-disant cientistas políticos, irritados defensores. Os cidadãos comuns, no entanto, sabem que a crise foi provocada pela ganância e incompetência dos administradores das maiores instituições financeiras de Wall Street, da Place de Bourse, da City e alhures. Por isso, o governo dos EUA está obrigando os bancos a trocarem as ações preferenciais em mãos do Estado por ordinárias, com direito a voto.

O senador Arthur Virgílio, que é defensor do novo liberalismo, mas não é néscio, deveria retirar o projeto de sua autoria que se encontra na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, e confere autonomia ao Banco Central. Foram os bancos centrais que, com sua cumplicidade, fecharam os olhos à ladroeira em todas as praças financeiras do mundo. Arthur Virgílio deveria ler livro já antigo, por ter sido publicado há 20 anos, quando a globalização avançava: Secrets of the Temple: how the Federal Reserve runs the Country, de William Greider, sobre o Banco Central norte-americano. O nosso é muito pior. Se ele não o retirar, provavelmente o texto será recusado por ser anacrônico.